

“PIONEIROS”, DE BASILEU TOLEDO FRANÇA E “CASA-GRANDE & SENZALA”, DE GILBERTO FREYRE: LITERATURA E SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DO SUDOESTE GOIANO

“PIONEIROS”, by BASILEU TOLEDO FRANÇA AND “CASA GRANDE E SENZALA” by GILBERTO FREYRE: LITERATURE AND SOCIOLOGY IN THE FORMATION OF GOIÁS SOUTHWEST

Átila Silva Arruda Teixeira
Mestre em Letras e Linguística
Faculdade de Letras – Universidade Federal de Goiás
(atitalit@yahoo.com.br)

RESUMO: A vertente regionalista da nossa literatura tem, de forma geral, o desejo de interpretação do próprio país através do estudo do espaço local. Dando vazão a toda uma cultura reprimida pelo centro, vários são os autores que optam por esmiuçar o passado, a cultura e o modo de vida de sua própria terra natal, região periférica, em uma tentativa de integrá-la ao amplo painel da literatura nacional. **Pioneiros**, principal obra de Basileu Toledo França, publicado em 1954, é explícito resultado desse desejo: nele é retratado o estabelecimento dos fundadores da cidade de Jataí durante o século XIX, também local de nascimento do próprio escritor. Entrelaçando o fazer literário com pesquisas históricas, sociológicas e folclóricas e propondo-se a enaltecer os feitos desses fundadores – seus antepassados diretos – Basileu adota em seu romance a perspectiva de colonização de Gilberto Freyre, presente em **Casa-grande & senzala**: há em **Pioneiros** um verdadeiro elogio ao patriarcado, à iniciativa particular de colonização, à interpenetração de etnias e culturas, além do resgate de expressões linguísticas do povo, marcada na obra principalmente pela abundância de ditados populares. Neste breve artigo, portanto, busca-se demonstrar como Basileu Toledo França se valeu de ideias marcadamente freirianas para a interpretação de sua terra.

Palavras-chaves: **Pioneiros**; Basileu Toledo França; **Casa-grande & senzala**; Literatura e sociologia

ABSTRACT: The regionalist aspect of Brazilian Literature has, in general, the desire for interpretation of its own country through the study of the local area. Giving vent to a whole culture, repressed by the center, there are several authors who choose to go over the reasons why lots of things happened in the past, the culture and way of life of their own homeland, peripheral region, in an attempt to integrate it into the broad panel of National Literature. **Pioneiros**, the most relevant Basileu França’s work, published in 1954, is an explicit result of this desire: it portrays the founders’ settlement of Jataí, a town in the State of Goiás, during the nineteenth century, also the birthplace of the writer himself. Crossing over literary work to historical, sociological and folk research, and proposing to enhance those founders’ achievements – his direct ancestors – França adopts, in his novel, Gilberto Freyre’s colonization perspective, present in **Casa Grande e Senzala**: there is in **Pioneiros** a true compliment to the patriarchate, to the private initiative of colonization, the interpenetration of cultures and ethnicities, besides the recovery of people’s linguistic expressions, marked in the work, mainly by the large quantity of popular sayings. So, in this short article, it is attempted to demonstrate how França used Freyrian’s ideas for the interpretation of his own land.

Keywords: **Pioneiros**; Basileu Toledo França, **Casa Grande e SENZALA**; Literature and Sociology

Não existe desvio em apontar que as bases da literatura brasileira foram erguidas sobre conceitos realistas, calcados, quase sempre, em um forte minimalismo mimético. Por outro lado, essa afirmação, colocada de forma categórica, pode levar a um descuidado leitor a acreditar que ainda hoje somos guiados pela fonte documental para produzir literatura. Evidentemente, não se trata disso; de forma decisiva e sistematizada, apenas com advento do modernismo, começamos a desvencilhar sociologia, história e literatura e por consequência, ultrapassar, no texto artístico, a realidade mezinha que nos cerca. Portanto, não há como negar uma “ânsia topográfica de apalpar todo o país” (CANDIDO, 2007, p.433) presente como marca profunda no nosso fazer literário, principalmente durante nossa a formação.

Conhecer a realidade local, valorizando as populações desses lugares, imaginando que com essa atitude se contribuiria para o desenvolvimento de uma determinada região e, por consequência, do país, serviu de força propulsora para o trabalho artístico literário sobretudo nos primeiros séculos da nossa história, estando presente até a ficção regionalista de 1930. Como clara consequência desse entrelaçamento, temos o solapamento da condição precípua do fazer literário, que é, fundamentalmente, ser arte. Entretanto, se há uma ruptura parcial com essa condição, cria-se um gênero misto, no qual a literatura se alinha à história, à sociologia e à política, subordinando-se a convocação de uma autêntica missão: colaborar na construção de uma nacionalidade. Esse gênero misto entre ensaio histórico-social e obra-de-arte, que para Antonio Candido “constitui o traço mais característico e original do nosso pensamento” (1976, p.130), está presente ao longo de toda nossa história literária, produzindo algumas obras ao mesmo tempo de valor estético e sociológico, como **Os sertões**, de Euclides da Cunha, **Casa-grande & senzala**, de Gilberto Freyre e **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda, para citarmos poucos exemplos.

Não há em nossa literatura vertente mais propícia para a realização desse entrelaçamento do que a regionalista. Entendida como “qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais [...] cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais” (PEREIRA, 1957, p. 179), ela enfoca o “pitoresco decorativo e funciona como descoberta, reconhecimento da realidade do país e sua incorporação ao temário da literatura” (CANDIDO, 2006, p. 191). O

regionalismo se presta ao buscar o homem do sertão, geograficamente localizado – e levando em conta que de um ponto de vista histórico, esta região implica isolamento físico, psíquico e cultural – não só a adentrar os rincões do país, mas, principalmente, a trazer à tona uma expressão cultural de uma população marginalizada pelo centro. Além disso, acrescenta Ligia Chiappini Leite, tirante a postura fixadora de tipos exóticos aos olhos da cultura considerada oficial, a obra regional é portadora de um caráter rural: “Historicamente, porém, a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades linguísticas” (1995, p. 155). Trata-se, portanto, de um reconhecimento não apenas artístico da realidade sertaneja, mas também uma compreensão profunda do funcionamento das engrenagens culturais, históricas e socioeconômicas de um povo quase sempre marginalizado pelo centro político do país.

É neste numeroso filão artístico, histórico e sociológico que se encontra boa parte da obra de Basileu Toledo França. Nascido em Jataí, município do sudoeste goiano, em 18 de setembro de 1919, ainda na adolescência, já órfão de pai, muda-se para a cidade de São José do Rio Preto, São Paulo, onde termina seus estudos e lança seus primeiros livros: **Rio Preto de hoje**, de 1947, **Instantes de Rio Preto**, de 1948 e **Um município no tempo**, de 1951, todos crônicas sobre a cidade do interior paulista. Também em 1951, publica **Romance**, experiência poética tomada por um abrasamento juvenil. Todas essas obras servem de preparação ao exímio pesquisador que se formava ao tal ponto que o próprio Basileu afirma: “Considero **Pioneiros** meu livro de estreia e tenho por ele especial carinho” (1971, p.120). Retornando a Goiás, nosso escritor foi ainda um dos principais intelectuais do estado na segunda metade do século XX, tendo exercido ao longo dos seus 83 anos de vida as mais variadas ocupações: foi pesquisador, escritor, sociólogo, político, jornalista, historiador e educador.

Pioneiros, de 1954, principal obra de França, logo após o título, já revela o pertencimento a, no mínimo, dois campos distintos – a literatura e a sociologia – pela presença da conjunção aditiva: “**Pioneiros**: romance histórico da fundação de Jataí e contribuição ao estudo do povoamento de Goiaz” (FRANÇA, 1995, p. 01, grifo meu). Considerado um dos principais romances goianos do século XX,

antecedendo cronologicamente até ao principal romance de Bernardo Élis – **O tronco** é de 1956 – segundo o próprio Basileu, sua obra tem sua gênese em um claro sentimento de missão:

Em 1942, vi um soldado varrer alguns papeis e queimá-los em seguida, no velho casarão da cadeia de Jataí. Alguém comentou comigo: “Devem ser folhas do arquivo”. E continuou a me informar, com ironia amarga, que os livros da Prefeitura, onde dormia quase todo o passado da nossa terra e da nossa gente, estavam abandonados na prisão porque certo administrador não quis velharias entulhando o Paço Municipal. Fiquei surpreendido com a notícia inacreditável, mas verifiquei depois que era simplesmente a expressão da verdade. Dura verdade: o arquivo – patrimônio público da cultura, da história e da administração local – ia desaparecendo dia a dia, por êste e outros motivos.

O fato chocou-me profundamente. Perseguiu-me como ideia fixa. Sem parar. E a solução do problema de consciência foi impor-me, desde então, a tarefa que sabia difícil, trabalhosa e – talvez – incompreendida, de reconstruir as origens do lugar (1995, p. 09).

O processo de escrita em Basileu Toledo França passa, necessariamente, por um certo ideal de engajamento. Entretanto, cabe distinguir **engajamento de ideais políticos de esquerda**. Qualquer escritor pode ser engajado, independentemente se proclama valores liberais ou comunistas. Segundo Alfredo Bosi,

O homem de ação, o educador ou o político que interfere diretamente na trama social, julgando-a e, não raro, pelejando para alterá-la, só o faz enquanto é movido por valores. Estes, por seu turno, repelem e combatem os antivalores respectivos. **O valor é objeto da intencionalidade da vontade, é a força propulsora das suas ações. O valor está no fim da ação, como seu objetivo; e está no começo dela enquanto é sua motivação** (2002, p. 120, grifo meu).

A partir das considerações de Bosi, indagamos: quais seriam os **valores** que moviam a escrita de Basileu Toledo França? Se o ato de preservar documentos fosse a sua única e exclusiva intenção, bastava copiá-los conforme o original, não cedendo a nenhum instante em participar daquele gênero textual, quase como o trabalho de um escriturário de cartório. Neste instante encontramos o ponto fulcral da narrativa de França: revestido de dados documentais – atas de assembleias da Câmara de Vereadores, documentos oficiais da Prefeitura, certidões de nascimento,

de casamento, de batismo, inventários, escrituras, cartas, diários, depoimentos e até de epitáfios – ambiciona o escritor fazer um verdadeiro enaltecimento dos primeiros fundadores da cidade de Jataí, julgando positivamente a história desses “pioneiros”

Com o propósito único de preservar documentos, **pôr em relêvo homens e mulheres admiráveis**, contar enfim a luta, as alegrias e as tristezas dos nossos primeiros, sem esquecer a contribuição dos humildes e obscuros negros, a fecundidade das mulheres rudes e a poesia dos brinquedos de criança. Abarcando quanto possível a ampla e complexa realidade histórico-social, presente nos documentos e no tesouro da tradição oral, na linguagem e no folclore, nos costumes e nos dados genealógicos, nas fotografias e nos autógrafos (1995, p. 10, grifo meu).

O autor simula que o motivo da elaboração de seu romance seria unicamente a de salvar documentos que deterioravam com o tempo e pelas más condições de arquivamento. Entretanto, logo depois, começa a tecer elogios aos homens e mulheres fundadores. Posteriormente, guiado por uma certa noção de hierarquia – o que faz parecer que esses homens e mulheres seriam os principais personagens dessa fundação – Basileu Toledo França cita os negros, não “os esquecendo”, descrevendo-os como “humildes e obscuros”, mas que também eles contribuíram para a História de Jataí. A partir desse instante, ele menciona as crianças com seus “brinquedos”, sendo as únicas que se encontrariam abaixo dos negros.

Nesse instante torna-se mais claro demonstrar o objetivo desse artigo: demonstrar que ao reconstruir esse passado, chamado por ele de “período heróico” (1995, p.10), Basileu Toledo França se vale das ideias de Gilberto Freyre, presentes principalmente em **Casa-grande & senzala**. Enquanto o ensaísta-escritor pernambucano pensa a formação do povo brasileiro, o escritor-ensaísta goiano utiliza conscientemente os conceitos de miscigenação, do patriarcado, da religiosidade do brasileiro, da vida doméstica da casa-grande e da senzala, formulados pelo primeiro.

Gilberto Freyre é um dos principais autores brasileiros do século XX. Sua obra é complexa e rica não apenas devido aos temas a que se propõe discutir, mas fundamentalmente, por ser genuína expressão do gênero misto entre ensaio e obra-de-arte citado por Candido (1976). Ele próprio se imaginava muito mais como um escritor do que como um sociólogo, resultando desta postura trabalhos sem a rigidez

acadêmica, que revelavam uma enorme capacidade criadora e uma prosa muito mais literária do que científica.. Elide Rugai Bastos, avaliando o estilo do mais conhecido livro de Freyre, afirma:

O estilo ao mesmo tempo vivo, espontâneo, vigoroso e acre, o cuidadoso emprego das palavras, a utilização de expressões populares, a ironia, a irreverência conquistam o leitor, que se prende irremediavelmente aos vaivéns da argumentação do autor. Em narrativa construída em forma de espiral, o autor expõe suas teses desenhando círculos que não se completam, abrindo passo para uma nova obra argumentação, que novamente coloca outro aspecto do argumento... *ad infinitum*. De certo modo, a forma muitas vezes encobre a tese, quase que impondo a concordância com ela (2001, p.218).

A incompletude desses círculos fazem com que o leitor crie suas próprias conclusões, retirando exemplo do seu próprio cotidiano para tal. Esse inacabamento, se por um lado rompe com os paradigmas científicos, possibilita a criação de uma prosa por muitos considerada com uma verdadeira expressão artística, fazendo com que a **forma** ganhe mais relevância sobre **o que** se escreve. Esse estilo repleto de paroxismos e ao mesmo tempo tão espontâneo e revelador de nossa formação, faz com que Gilberto Freyre seja um verdadeiro influenciador direto de muitos escritos nordestinos, entre eles José Lins do Rego, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e Jorge Amado. Idealizador do movimento regionalista do Recife, “regionalista – tradicionalista, a seu modo, modernista”, Freyre não estava apenas empenhado em propor uma estética, mas também em assumir a nossa formação e valores culturais, fugindo de experiências artísticas estrangeiras não ligadas organicamente a essa formação. Na sua visão,

Note-se que enquanto a Semana de Arte de São Paulo e o Modernismo do Rio, se esmeraram, antes das últimas fases a prodigiosa atividade de Mário de Andrade, em renovações, aliás admiráveis, em setores eruditos da cultura, à qual comunicaram valiosos estímulos e valiosas sugestões importadas da Europa, o Regionalismo saído do Recife – do qual o **Livro do Nordeste** foi expressão tão marcante – sem deixar de incluir saudáveis importações dessa espécie – do Imagismo, por exemplo – empenhou-se também em, desde o seu início, pesquisar, reinterpretar, valorizar as inspirações vindas das raízes telúricas, tradicionais, orais, populares, folclóricas, algumas como que intuitivas da mesma cultura. Preocupação telúrica que é um dos característicos do **Livro do Nordeste**. Coisas não só telúricas como cotidianas, espontâneas, rústicas, desprezadas pelos em arte ou em cultura sensíveis somente ao requintado e ao erudito (1979, p. 6).

Esse resgate das “coisas telúricas” junto com os conceitos-chaves de **Casa grande & senzala**, como a confraternização entre vencedores (brancos) e vencidos (não-brancos) durante o processo de colonização; o sadismo e o masoquismo dos negros; a sensualidade da negra escrava e o insaciável des pudor sexual português, corroborando uma ausência de superioridade racial por parte do último; a família como grande responsável pelo empreendimento de colonização; a postura submissa da mulher frente ao patriarca, entre outros conceitos são deliberadamente repensados por Basileu Toledo França em **Pioneiros**, demonstrando que, para o autor jataiense, apesar das especificidades da ocupação do estado de Goiás, também nós fomos e tivemos nossas Casa-grandes e nossas senzalas.

A estrutura da obra

Pioneiros é composto por catorze capítulos, respectivamente: “Os Vilelas”, “José Manuel”, “Penetração do sudoeste”, “Início do povoamento”, “Civilização do couro”, “Patrimônio”, “O boiadeiro”, “Fazenda São Pedro”, “Guerra do Paraguai”, “Índios”, “Padre Brito e as festas populares”, “A vila”, “Jataí em 1890” e “Ocaso dos pioneiros”. Sucintamente, neles são narrados os fatos que culminaram com a criação da cidade de Jataí: vindo de Minas Gerais, José Manuel, tido como o principal fundador, se fixa na região sudoeste de Goiás. Filho não legítimo de Francisco Vilela com uma mulata chamada Floriana Borges da Silva – o que corrobora o conceito freiriano de ascensão dos mestiços –, José Manuel e seus companheiros, na visão de Basileu Toledo França, constroem um novo mundo: toda a estrutura das fazendas mineiras é transposta para terras goianas:

Daqui uns tempos, mulher, há-de ver tudo isso coberto de boi, um mar de guamos que dá gosto. E cada noite que a gente dorme amanhece mais enricado, por obra da natureza. Então as vaquinhas solteiras, que comprei por 2 e 3\$000 a cabeça, estarão pagas e repagas com sobra. Teremos curralama de aroeira. Casarona de esteios, com as das Gerais. Engenho. Tudo que a gente carece pra viver bem e criar os guris (1972, p. 63).

Por outra, deve-se atentar ao fato de Basileu Toledo França fazer **uma interpretação** desse mundo mineiro e sua recriação em Goiás. Em entrevista realizada simultaneamente a vários intelectuais, resultando no livro **Depoimento** (1979), Jerônimo Geraldo Queiroz questiona a respeito desses valores culturais:

Sociólogo, alguns possíveis valores da cultura mineira- sócio-histórica – interferiram em sua tentativa de interpretação do sudoeste?

Resposta: Realmente. O sudoeste de Goiás orgulha-se de ser uma continuação de Minas Gerais, através do povoamento iniciado no primeiro quartel do século passado, pelo intercâmbio constante de riquezas em um comércio secular, pela presença de Uberaba e Uberabinha, hoje Uberlândia, suas capitais regionais, enfim, por tudo que tem mais significativo. **Desta maneira, não apenas a minha tentativa de interpretação, mas qualquer estudo sério sobre a região não poderá ignorar os valores mineiros que ali se encontram e fatalmente vão interferir na análise e nas conclusões da pesquisa. Ninguém foge a isto, especialmente quem como eu descende de mineiros e está impregnado de mineirismo. Nos princípios da educação recebida em casa. Na religião e nos santos da sua devoção. Na linguagem e nos pratos regionais. No vasto folclore ligado à criação do boi. Na singeleza da vida diária e no apego desmedido à gleba.** Pra [sic] finalizar, tudo que faz a grandeza do homem humilde e operoso dos sertões goianos (FRANÇA, 1979, p. 28, grifo meu).

A partir de uma ascendência justifica-se uma certa visão sociológica. Sem escamotear suas origens, Basileu Toledo França utiliza e propaga a perspectiva de cultura desses fundadores e do trabalho por eles realizados. Aqui se encontram os aspectos familiares e os sociológicos: relatando a ocupação de uma região durante o século XIX, mas com valores ainda dominantes do Brasil Colônia, consequência, dentre outros fatores, da pequena inserção econômica de Goiás no panorama nacional, além da grande dificuldade de integração viária do território goiano com os demais da federação, fazendo com que as mudanças advindas com a chegada da família real (1808) não fossem perceptíveis aqui até o terceiro quartel do século XIX, **Casa-grande & senzala**, que tem como ponto central o encontro de culturas nos trópicos, é a obra de Gilberto Freyre que melhor se liga a **Pioneiros** por estar ligada a um instante de “colonização”, de “ocupação”, havendo uma analogia entre os primeiros mineiros e paulistas que chegaram à Jataí com os portugueses que vieram para o Brasil nos séculos XVII e XVIII.

Tanto em Gilberto Freyre como em Basileu Toledo França a colonização do Brasil e a fundação de Jataí, respectivamente, são apresentadas por uma visão extremamente positiva dos fatos. Os projetos de expansão econômica tinham como eixo norteador a exploração da terra de forma contínua e sistematizada, não havendo, portanto, mais a possibilidade de uma mera extração predatória: foram os portugueses, na visão de Freyre e os mineiros, representados pela família Vilela, os

grandes artífices dessas respectivas ocupações. Dominadores, ambos tiveram ao seu dispor o trabalho do negro escravo para erguer suas realizações, mas ao mesmo tempo concederem de forma benevolente, na visão de Freyre e França, uma participação de co-autoria a esses durante todo o processo. Por outro lado, a par do conservadorismo que rege ambas as obras, elas não deixam de mencionar a violência praticada contra os não-brancos. Portanto, exposto o plano geral de aproximação, cabe apresentar mais detidamente alguns pontos de encontro entre as obras.

A sociedade patriarcal

Ao longo de todo **Casa-grande e senzala**, Gilberto Freyre enfatiza muito positivamente a formação brasileira como fruto de uma sociedade patriarcal. São inúmeros os trechos em que ele põe a descrever nosso complexo social como “patriarcal, escravocrata e monocultor” (FREYRE, 1963, p.52). Ainda segundo o autor do **Livro do nordeste**, “A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Dono das mulheres” (p.13). Basileu Toledo França, mais fisionomamente, adota essa mesma visão. Quando Francisco Vilela busca o filho bastardo para morar com ele e a esposa, Ana Isméria, e começam a acontecer pequenos conflitos devido a presença do enteado, Ana tenta conversar com o marido:

– Chico, eu estava pensando...

– Uai, pensando o quê?

A surpresa era significativa. Ana Isméria entendeu. Amedrontada, não abordou diretamente o assunto. Insinuou apenas.

– Você é muito bom, Chico, quer ajudar o menino...

Quando tocou no pequeno, compreendeu onde ela queria chegar. E atalhou.

– Meu filho, que tem isso?

– Bem. Só peço a N. Senhora que não se arrependa.

– Ana Isméria, não bole no que não é da sua conta. Desde quando quem canta aqui é galinha? – Não esperou resposta – Homessa! Todo mundo acha que o guri pode ser gente na vida e lá vem você entreverar? Vou fazer dele um homem inteirado e acabou-se. Doa em quem doer. – Concluiu de modo inapelável.

Não falaram mais de José Manuel. E Chico Vilela, ao recordar-se, nem sequer mostrava arrependimento de haver erguido a voz para a companheira submissa. No seu entender, fora atrevida, de atrevimento sem conta. **“Mulher nasceu pra dar à luz todo ano, tratar de casa e – acima de tudo – escutar sem discutir as decisões do marido”** (1972, p.19, grifo meu).

Essa postura se repete ao longo de todo **Pioneiros**, sendo incontáveis os exemplos dos senhores de engenho e/ou fazendeiros agindo com intolerância, violência e machismo contra as mulheres. Elas, por seu turno, aceitam resignadamente as imposições dos maridos. Essa subordinação é marcada por uma forte sensação de reificação, corroborando a imagem criada por Gilberto Freyre de verdadeiros “donos” de tudo e de todos. Em ambas as obras, apesar de mostrarem as injustiças desse tratamento, há uma certeza de que as ações dos maridos eram as que lograriam êxito para a família.

A miscigenação: a “confraternização” entre vencedores e vencidos

Para Gilberto Freyre, a ausência de uma consciência de raça permitiu ao português o efetivo povoamento da enorme terra a ser ocupada. Justificando essa ausência por uma certa bicontinentalidade entre o África e Europa, trazendo uma indecisão étnica e cultural, os portugueses são descritos como “garanhões desbragados” (1963, p. 85). Em um primeiro instante, essa “confraternização sexual” foi estabelecida entre o europeu e o silvícola:

O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia [de Jesus] precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho (p.153).

Se a mulher indígena é pensada como a “base física da família brasileira” (p. 154), por estabelecer esse primeiro contato sexual que acabariam por povoar a terra, em **Pioneiros** a silvícola é totalmente ignorada. Não ocorre em **Pioneiros** um enlace sexual entre brancos e índias, pois a presença das negras já estava muito bem consolidada. Portanto, o foco de Basileu Toledo França passa a ser as relações entre senhores e escravas. A personagem que na obra se incumbe de provar esse insaciável pendor sexual é Serafim José de Barros. Próspero comerciante casado

com uma das filhas de José Manuel, assim ele é descrito:

Era excessivamente mau, a ponto de dar nos escravos até fazer sangue e para castigá-los com os requintes do século: tronco, pega, bacalhau, roda. Era excessivamente sexual, um agitado e insaciável constante, que amava diversas mulheres na mesma noite, sem jamais precisar de repouso. E como em tudo, era também excessivamente trabalhador. Possuía a força de quatro, a maldade de quatro, a sensualidade de quatro e trabalhava por outros tantos (FRANÇA, 1972, p. 115).

Com que perdoando o desregramento sexual desse fundador, Basileu Toledo França tenta reforçar imagem de grande construtor de Serafim. Apesar de ser brasileiro, essa personagem em tudo guarda uma aproximação com o português de Gilberto Freyre. Sádico, despótico, Serafim obedece ao preceito “branca para casar, mulata para f....., negra para trabalhar” (FREYRE, 1963, p. 75):

Altas horas, quando a companheira dormia, Serafim saiu com os olhos brilhando de volúpia a caminho da senzala. Entrou no quarto em que as escravas repousavam estendidas sobre esteiras.

– Psiu! Nem um pio. – Recomendou ao bando, que estremunhava assustado. – Vem Rosa... E quem bater a língua nos dentes com a sinhá eu mando cortar relho. Vem cá, Rosa.

A moça foi rastejando até os seus pés (FRANÇA, 1972, p. 121).

Tal qual Gilberto Freyre, Basileu Toledo França faz recair essa disposição sexual a um masoquismo das escravas, mas principalmente a sensualidade e erotismo dessas que acabavam por impor ao branco a atitude de um autêntico “Don Juan das senzalas desadorado atrás de negras e molecas” (FREYRE, 1962, p. 246). Até simpatias, chás, rezas para determinados santos e outras crenças eram usadas pelas escravas para atrair a atenção do patrão: “Sei de gente que passa o café na saia, quando está trabalhando na cozinha, só a modo de encantar o patrão. Dizem que é pá-terra. Não falha” (FRANÇA, 1972, p. 131). E mesmo para as escravas mais relutantes a essa “confraternização”, aconselha a mais experiente: “No começo também era deste jeitim como todas nós. Parecia que ia dar uma tentena, sapituca ou congolô de raiva. Tudo mentira. No fim acabava cedendo e gostava. Tai” (p. 130).

O mito da “democracia racial” talvez seja a principal crítica ao trabalho de Gilberto Freyre, e a partir do momento que Basileu Toledo França também se apropria da ideia, seu texto também passa a ser motivo de crítica. Em ambos,

apesar de apresentarem algumas atrocidades a que os escravos estavam submetidos, em geral, o regime de escravidão é considerado um tanto ameno devido à miscigenação. Refletindo sobre essa questão em **Casa-grande & senzala**, Elide Rugai Bastos afirma:

Outro aspecto da crítica diz respeito ao equívoco de se estabelecer uma ponte entre miscigenação e democratização – o primeiro um fato biológico e o outro um fato sociopolítico –, identificando-se como semelhantes dois processos independentes entre si. Esse *continuum* falso permite que se deixe de lado a análise do modo como se ordenou a população descendente dos escravos e os mecanismos que impediram a mobilidade social vertical dela, criando-se uma estrutura social que discrimina grandes contingentes populacionais (2001, p.232).

O paradoxo de se assumir uma posição de democratização com a miscigenação fica evidente no livro de Basileu Toledo França: com a promulgação da Lei Áurea, a primeira providencia tomada pelos poderosos da cidade – ironicamente os mesmos pioneiros –, foi mandar ampliar o pequeno presídio da cidade:

– A princesa Isabel deu liberdade pros negros e o xadrez vai ser pequeno pra botar os vadios.

– Nem me diga, essa mulher está regulando não: o bicho só sabe trabalhar debaixo do chicote de branco! Tem que mudar a tal lei, não dá certo. – Escandiu a frase pra reforçar a convicção. – Mas não seria boato?

[...]

E o espírito de apreensão dos escravistas tomou conta do povo, que temia os negros fora do trabalho na gleba, no engenho, e na criação de gado. “Preto que trabalha, quando não borá na entrada caga na saída – diziam – calculam sem ocupação por aí...”

[...]

Finalmente, decorridos alguns meses, a prisão foi concluída (FRANÇA, 1972, p. 218).

Os índios e o clero

Conforme exposto, os silvícolas de **Pioneiros** não fulguram da mesma forma que em **Casa-grande e senzala**, talvez sendo nessa temática a ocorrência de

maior dissonância entre as duas obras. Na visão de Gilberto Freyre, houve uma grande distinção na contribuição que índias e índios deram à civilização brasileira:

Da cunha é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal. A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O brasileiro de hoje, amante do banho e sempre de pente e espelinho no bolso, o cabelo brilhante de loção ou de óleo de côco, reflete a influência de tão remotas avós.

Antes, porém, de salientarmos a contribuição da cunha ao desenvolvimento social do Brasil, procuremos fixar a do homem. Foi formidável: mas só na obra de devastamento e de conquista dos sertões, de que ele foi o guia, o canoeiro, o guerreiro, o caçador, o pescador (1963, p. 154).

Já obra de Basileu Toledo França, os indígenas são descritos como violentos e grandes ameaçadores do processo de fundação que estava em curso. O caso mais relevante é o do ataque de membros da tribo Bororo a uma pequena casa do arraial. No ataque, os bororos matam duas crianças e uma mulher, deixando uma seriamente ferida. As pessoas do pequeno povoado pedem vingança: “– Um dia desses, índio entra no arraial e mata nossa família. – Comenta alguém na entrada do templo” (FRANÇA, 1972, p. 167). O povo, coordenado pelos pioneiros, organiza um ataque muito superior, que dizima praticamente a tribo inteira:

“Psiu!” – Chegam a algumas dezenas de metros do acampamento e incontinenti o cercam. No meio de oito ou dez palhoças reverbera a fogueira, colorindo tudo ao redor de amarelo e vermelho: os ranchos, dois moços que conversam sentados em pilão, araras e papagaios em cumeeiras, sarnento a ressonar ali do lado e um guerreiro que vem na direção dos brancos para sair da maloca. Quando o bororo atlético se aproxima, passa-lhe o facão no pescoço e um grito de dor estremece a noite. Surgem outros homens de vários pontos e a bandeira da vindita abate-os com tiros, sem piedade, quase por cima do fogaréu que arde e ilumina a cena dantesca. Minutos após, diversos corpos bronzeados estão estirados ao solo, nos seus derradeiros sinais de vida, quando atacantes silenciam os cachorros magros e raivosos, penetram os cobertos de sapé e matam mulheres, crianças e animais (p. 175).

Pela forma estúpida da reação, extremamente violenta, muito maior que o ataque primeiro desferido anteriormente pelos bororos, com muito mais mortos, Basileu Toledo França parece se irmanar com o sofrimento indígena. Essa ideia é corroborada, sendo a única vez em toda obra que não se percebe um tom elogioso à dos pioneiros, pelo fato de um dos dois sobreviventes ter sido entregue para José

Manuel, para que esse pudesse inculcar os valores ditos civilizados no curumim. Um dia, porém, o menininho índio desata a chorar, e depois de muita insistência de José Manuel, ele revela o motivo do pranto: “– É vontade de matar o senhor e não poder!” (p.176). Ao ouvir a explicação, José Manuel entrega a criança a um peão, que a leva até ao capão seco, e desfere dois tiros na criança, matando-a. Ao longe, José Manuel sentencia: – Acha que vou criar cobra pra me morder?” (p. 177).

O clero, por seu turno, mantém a estreita ligação com os conceitos freirianos. Subordinados diretamente às ordens dos poderosos, sendo substituídos de acordo com a vontade deles, os párocos possuem uma mal velada vida sexual ativa ao ponto de todo o arraial saber publicamente das aventuras. Em um diálogo doméstico sobre o Padre Brito, feito às escondidas com as sinhás, diz uma escrava:

Batina é como nós sabemos: só na hora da missa ou da reza. Fora disto aparece igualzim a qualquer outro homem: fuma, anda a cavalo, tem retiro pro lado de Dores do Rio Verde, com vacada e boa tropa de carga. Retrucam-lhe: “Ele veio de batina, faladeira, faladeira, negra da língua de trapo...” Abanou a cabeça negativamente. Não sou, sinhazinha. Não sou. Vancê conhece de-o-dó? É medo do coronel. Me-de-o-dó. Pode saber. O melhor ainda nem disse: já tem filho com a roxa de Mato Grosso e dizem as más línguas que não vai parar tão cedo...” (p.185-186).

Conclusões

Pioneiros e Casa-grande & senzala são obras que encaram o tema da ocupação do sudoeste goiano e do Brasil, respectivamente, de uma forma muito coincidente. Evidentemente, coube a Basileu Toledo França a leitura da obra de Gilberto Freyre, para dela trazer seus principais conceitos, revelando o recorrente desejo de compor uma obra-de-arte, mas ao mesmo tempo, influir decisivamente na interpretação do país. Desejo, por sinal, que também acomete o livro de Gilberto Freyre. Hélio Mauro Umbelino Lobo, refletindo sobre **Pioneiros**, afirma:

O historiador encontra o literato para a realização de uma obra que reputo rara no mapa-mundi da literatura brasileira, dado que escasseiam, entre nós, livros que possuem o mesmo quilate altíssimo, escritos por quem reúna a um só tempo o mesmo flego para a pesquisa, o mesmo engenho para desfiar a estória, a mesma benquerença pela vidinha destes sertões, a mesma habilidade em dosar as lindas cores do romance. O carro-de-bois, a furreca, o maestro da bandazinha de música, o peão de boiadeiro, o colonizador, o roceiro, o plantador de cidades, são temas com que lida em seus livros com tal destreza que, ao cabo da leitura, parece

que voltamos ao passado atraídos por essas coisas tão presentes em nossa saudade, que o escritor aguça para gáudio nosso e nossa emoção (1979, p. 61-62).

De fato a principal obra de França tem esse poder, fazendo ressurgir toda uma sociedade passada. Por outro lado, esse ressurgimento é condicionado a um canto elegíaco em louvor ao trabalho desses fundadores, independente dos massacres e injustiças que foram cometidos. Na verdade, tais acontecimentos, tanto na ótica de Gilberto Freyre como na de Basileu Toledo França, foram instantes de interpenetração de culturas, havendo, posteriormente, um conluio dissimuladamente harmonioso, antitético, em torno da ideia de construção de uma sociedade, seja a brasileira, seja a jataiense.

Ático Vilas Boas da Mota, muito acertadamente, destaca o pendor para a pesquisa de Basileu Toledo França – maior que seu pendor ficcionista, por sinal – e não deixa de citar que temos em mãos uma visão parcial da ocupação do sudoeste:

Há alguns anos soube aproveitar o material de suas pesquisas sociológicas e históricas e, com ele, conseguiu uma obra que não é apenas o registro histórico frio, seco, distante e impassível da formação histórica dos núcleos urbanos do “seu” sudoeste goiano, mas, ao contrário, apresenta-se como uma produção estético-literária capaz de seduzir o leitor e chamar a sua atenção para a importância humana de um dos mais interessantes recantos de Goiás: **Jataí** (MOTA, 1972, p.XIV, grifo do autor).

Pioneiros representa, portanto, a visão de uma pessoa ligada diretamente a casa-grande sobre o processo de ocupação da região sudoeste de Goiás. Esse fato, longe de desabonar a obra, serve para elucidar como esses fundadores viam o processo, acrescentando um ponto de vista riquíssimo para a nossa própria interpretação sobre a nossa história. Por outro lado, o próprio financiamento da obra pela Prefeitura de Jataí, sem um concurso público, já revela que a obra em si adotaria um discurso pretensiosamente oficial. Cabe a nós, leitores, termos em mente que nunca existirá uma visão apenas dessa ocupação, sendo a soma da maior quantidade possível de interpretações o ideal. Sobre a confecção da obra, o próprio autor a explica:

Durante dez meses estudei os registros de cartório, os arquivos de família, os baús e guardados de velhas fazendas, depoimentos de

dezenas de pessoas antigas, cantadores, benzedores e raizeiros, tudo que pudesse representar a tradição escrita e oral de Jataí. Só depois disto que é que – em 1942 – resolvi escrevê-lo, inicialmente com o título **Minha terra e minha gente**. Contudo, o Sr. Júlio Cunha – prefeito municipal de então – não quis ou não pôde publicá-lo, como havia prometido, e eu perdi os originais, incluindo 250 poesias populares, que recolhi depois de enorme trabalho, daqui prali, juntamente com o linguajar do povo.

Alguns anos mais tarde, descobri entre meus livros o caderno de notas principais onde eu havia registrado a maioria dos fatos de maior interesse para uma obra de ficção com base na realidade histórica e social. Com esses apontamentos e apoiado na memória, reescrevi e publiquei o livro em forma de romance – para alcançar o povo – em 1954, graças ao patrocínio da Prefeitura Municipal de Jataí, que gastou Cr\$. 40.000 com a edição de 1.000 exemplares (FRANÇA, 1971, p.120).

Por fim, vale dizer que a obra de Basileu Toledo França é de valor estético razoável, mas merecedora de destaque principalmente pela árdua pesquisa empreendida. Apesar de ao longo do livro inteiro se perceber dezenas de ditados populares que, de certa maneira, mais prejudicam o texto do que o auxiliam, por estarem superficialmente inseridos – como que apenas para constar que foram utilizados – são numerosas as páginas que revelam rezas, preces, lendas, parlendas, cantigas de roda, cantigas de ninar, causos, troças, hábitos culinários e outros tantos gêneros textuais e entre outras tantas manifestações populares que se perdem com o tempo que Basileu Toledo França se sente compromissado em resgatar. Só por esse resgate, sua obra passa a ser manancial riquíssimo não apenas para a literatura goiana, mas para a brasileira.

Referências

BASTOS, E. R. Casa-grande e senzala. In: MOTA, L. D. (org.). **Introdução ao Brasil: um banquete no trópico**. 3 ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001. v. 1, p.215-233.

BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1976.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 169-196.

_____. **Formação da literatura brasileira – momentos decisivos**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

FRANÇA, B. T. **Cadeira nº 15: contribuição ao estudo da literatura de Goiás.** Goiânia: Dec, 1971.

_____. **Pioneiros.** Goiânia: Departamento Estadual de Cultura – Gráfica do Livro Goiano, 1972.

_____. **Depoimento: museu do som da Academia Goiana de Letras.** Goiânia: Oriente, 1979.

_____. **Pioneiros.** Edição fac-similada. Goiânia: Ed. UFG, 1995.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala.** 12 ed. brasileira. 13 ed. em língua portuguesa. Brasília: Ed. UnB, 1963.

_____ et al. **Livro do nordeste.** Edição fac-similada. Recife: Secretaria da Justiça; Arquivo Público Estadual, 1979.

LEITE, L. C. M. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro: v.8, n.15, 1995. p.153-159.

LOBO, H. M. U. Pioneiros. In: FRANÇA, Basileu Toledo. **Depoimento: museu do som da Academia Goiana de Letras.** Goiânia: Oriente, 1979. p.61-62.

MOTA, Á V. B. da. Pioneiros, o retrato do sudoeste. In: FRANÇA, Basileu Toledo. **Pioneiros.** Goiânia: Departamento Estadual de Cultura – Gráfica do Livro Goiano, 1972. P.XII-XVI.

PEREIRA, L. M. **História da literatura brasileira: prosa de ficção** (de 1870 a 1920). 2. ed. rev. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. v.xii.